

## FREUD E A UNIVERSIDADE

José Euclimar Xavier de Menezes<sup>1</sup>

**RESUMO:** *É bastante controversa a presença da psicanálise na universidade. Desde a sua criação, existe uma ambivalência no relacionamento de ambas as instituições. Em tempos de debate da reforma universitária, o que o conflito vivido por Freud com o meio acadêmico pode nos ensinar? O artigo deseja levantar algumas questões paradigmáticas.*

**Palavras Chave:** Conflito; Ciência; Universidade.

Um detalhe biográfico apresenta-se como mera curiosidade na história desse saber cunhado por Freud no fim do século XIX: neurólogo de competência reconhecida, estimado por seus mestres e pares, desenvolve uma atitude de profunda curiosidade para com um fenômeno que invade a sua clínica, qual seja, o sintoma histérico. De que modo justificar que as pessoas apresentassem doenças cuja causa não habitava a realidade do nervo lesionado (SCHUR, 1981.I, pp. 78-88)? Como explicar uma queixa que se impunha no discurso de pacientes, cujo sofrimento real não podia ser identificado pelas lentes laboratoriais (ROUDINESCO, 1989, pp. 53-69)? Como oferecer crédito aos “ais” de uma gente que produzia um relato sobre a história de sua própria dor, dado que a materialização desta auto-diagnose não se legitimava frente aos métodos anatomo-localizacionais dos especialistas das doenças dos nervos daquele período? (FORRESTER, 1983, pp. 19-55).

Esse detalhe biográfico, na verdade, determina um cenário político e científico que lançará Freud num exílio doloroso e numa solidão extremada. Freud desvenda e introduz no ambiente médico, causas psíquicas do adoecimento humano. Nenhum outro cientista enfrentou esse problema que se apresentava desde o século XVIII na literatura (Veja Molière, por exemplo). Contaminado pela perspectiva psicopatológica francesa, ainda jovem pesquisador, ousa enunciar, no ambiente da zelosa medicina austríaca, eminentemente organopatológica, que o adoecimento humano pode ocorrer por causas não físicas (ROUZEN, 1974, pp. 29-47).

Conhecemos bem o que significava fazer ciência em XIX. O positivismo, repercutido no fisicalismo da medicina, especialmente na neurologia, dificultava qualquer vislumbre de uma realidade que não se impusesse aos métodos estabelecidos pelo modelo das ciências naturais (GAY, 1989, pp. 67-108). Um neurólogo, cujo olhar se assentasse em coisas não orgânicas, no mínimo era reputado como um pseudo-pesquisador, cujo crédito estava comprometido. E foi exatamente o que ocorreu com Freud (JONES, 1989, pp. 207-29). Pelas idéias que ousou cometer, instaurou um desconforto insuportável na academia, a ponto de ser instado se exilar desse ambiente rígido do saber científico.

Mas que idéias foram essas? Deixemos de lado o sedutor relato biográfico para nos dedicarmos à perspectiva lógica por trás do conflito. Nela, suspeitamos encontrar as razões do que sugerimos ser a atitude de intolerância da academia, sobretudo frente às inovações no saber, exigência pertinente ao fluxo da história das ciências.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia e Mestre em Epistemologia da Psicologia pela UNICAMP, Professor da UCSAL no Curso de Economia e no Mestrado em Ciências da Família. Docente e pesquisador da Faculdade Ruy Barbosa, no Curso de Psicologia. [prof.menezes@uol.com.br](mailto:prof.menezes@uol.com.br)

O cenário teórico é nomeado pelos especialistas de *Teoria da Sedução*. Consideremos, para os nossos propósitos, a análise do texto *As Afasias* de. Nele encontraremos um dos elementos nucleares que, do ponto de vista lógico, deixa o entorno à Freud milindrado, a saber, o uso que ele faz do conceito de VORSTELLUNG, representação. É de posse de tal conceito, VORSTELLUNG, que Freud postula as teorias do aparelho psíquico e da neurose ainda nesse ambiente da *Teoria da Sedução*, bases sólidas do saber que inventa.

O vocábulo representação era usado no período da escolástica para sugerir que o conhecimento residia na semelhança da imagem do objeto refletido na mente humana: “[...] conhecimento é uma certa presença, impossível de analisar, do objeto conhecido no sujeito cognoscente” (BREHIER, 1979, P. 137). Esta certa presença é que marca bem, nesse contexto, o sentido de representação: espelhar, na mente, a coisa que mora no real.

O que isso significa? Que o sentido de representação aponta para a presença da coisa no intelecto do sujeito. O mundo se dá ao sujeito humano que o apreende e o re-presenta num nível mental em uma rigorosa simetria e correspondência para com aquilo que mora na realidade.

Descartes oferece à representação um outro sentido diverso daquele desenvolvido pela escolástica. Para compreender o conceito, será necessário inverter a direção do vetor sujeito – mundo, conforme dita o esquema medieval. Se, no esquema da escolástica, esse relacionamento implicava uma atitude receptiva do sujeito, com Descartes se instaura uma perspectiva bem inversa: é mister que se verifique se as idéias que o sujeito tem em mente “... são semelhantes ou conforme as coisas que estão fora de mim”. (DESCARTES, 1983, p. 100). O cogito, puramente espiritual e, por isso mesmo, mais competente para conhecer, contém as idéias, fabricando-as a partir de um recolhimento sintético que faz dos elementos constitutivos dos objetos. Se as idéias constituídas correspondem ou não à realidade, se são verdadeiras ou falsas, é um problema a ser resolvido pelo encontro “casual” da Substancia Divina na investigação da objetividade das idéias.

De todo modo, o que está posto é que a imaginação do sujeito humano é capaz de gerar idéias, saberes, conhecimentos, através do próprio exercício de pensar/imaginar. E isso independente do contato com a realidade. Em certa medida, não é a mente que se adequa à coisa que nela se imprime a partir da realidade objetiva do mundo, mas, ao contrário, a mente propõe certos esquemas lógicos que podem ser aplicados à realidade a ser conhecida. Até mesmo a “fina flor” das ciências, a matemática, modelo de toda e qualquer ciência para o cartesianismo, resulta desse esforço dedutivo que somente o homem é capaz de operar.

O certo é que elas estão presentes no cogito, seja como imagens dadas pelos sentidos, seja como invenções do espírito, seja como criações do deus enganador, seja como ardilosas artificialidades do gênio maligno, seja como criações de Deus. No esforço dedutivo, a ordem das razões fornece a causalidade das idéias presentes no cogito: Deus. Dado que Ele não pode ser enganador, se é Deus, e dado que ao espírito não compete criar idéias perfeitas, bem como dado que o gênio maligno, se existe, ama o erro, portanto a imperfeição, o que resta? Deus, como ser perfeito e incompreensível na sua infinitude, que cria as idéias no espírito. Elas são apreendidas pelo cogito e a garantia da objetividade delas é dada pelo próprio Deus.

No final do século XIX, Freud apresenta o conceito de representação como par do conceito de afeto, a partir do lugar que os dois elementos ocuparão nos circuitos dos sistemas psíquicos (LAPLANCHE, 1986, p. 582). Em que esta perspectiva inova? Como atinge o tipo de racionalismo que remonta à escolástica e ao cartesianismo, orientações pregnantes nos discursos das ciências modernas?

A resposta ao problema emerge numa análise do texto das *Afasias*, patologia descrita como “[...] um sintoma puramente funcional” (FREUD, 1977, p. 35). Quer dizer, trata-se de um distúrbio no funcionamento do aparelho mental e não em sua estrutura. Tal idéia, num contexto onde viceja predominante a teoria da localização cerebral, como afirma FORRESTER (1983), qualifica a fisiologia e a função em detrimento da anatomia. Com essa inversão, Freud reformula

a concepção médica de um distúrbio até então considerado neurológico em algo quase psicológico, como veremos.

Até então, Broca tinha estabelecido a arquitetura do cérebro, condição de sustento da teoria da localização. Alternativamente a esta explicação, Meynerte oferece ao debate uma concepção de sistema arterial do cérebro como função central. A nutrição justifica o bom funcionamento do cérebro.

Qual é o problema que está posto aqui? A identidade entre o fisiológico com o anatômico: nesse contexto, não ouvir significa ter lesado no cérebro o centro correspondente da audição, bem como falar indica o cérebro, ativando suas funções motoras; ainda que a incapacidade de falar corresponda à lesão no centro motor da linguagem.

Com Freud, toda a argumentação se modifica: evoca o filósofo Delbruck para entender uma perturbação da linguagem como um fenômeno decorrente da substituição inadequada de uma expressão por outra que altera o sentido da fala. Uma corrente associativa de palavras é quebrada. As palavras perderiam a expressividade significativa que possuíam antes de serem inadequadamente substituídas.

Não se discute o problema das afasias sensoriais. Essas ocorrem e são da ordem de lesões acidentais como, por exemplo, hemorragia, corpo estranho ou câncer. O que se discute é a perda da fala que entendemos como sendo a perda da capacidade de dar significação ao discurso proferido, mediante a associação lingüística.

A perda da fala certamente não é localizável na zona sensorial e o demonstra a capacidade de repetir que permanece em alguns tipos de afásicos: “A incapacidade de falar espontaneamente quando subsiste a capacidade de repetir não leva necessariamente a concluir por uma localização sensorial” (FREUD, 1977, 39).

O que é necessário é conseguir, do ponto de vista clínico, estabelecer critérios para realizar um diagnóstico cuidadoso que distinga afasias traumáticas de perturbações do funcionamento do aparelho da linguagem. Duas coisas chamam a atenção: 1. Pode o aparelho da fala funcionar parcialmente quando a parte correspondente da função estiver lesada? 2. Pode haver perturbação total sem que verifique lesão específica na parte do aparelho correspondente à função?

Como explicar que o aparelho da fala funcione, mesmo estando lesado, ou não funcione não apresentando nenhuma lesão? Em outras palavras, como explicar o caso do paciente de Grashey que reconhecia os objetos mesmo estando doente, sem conseguir nomeá-los? Não é a amnésia uma perturbação da linguagem e não ocorre também na normalidade quando, por exemplo, estamos cansados? O que está em jogo na discussão da afasia amnésica é o funcionamento inadequado do aparelho lingüístico: em suas operações simples, ele é competente para representar, mesmo que a nomeação das coisas esteja interdita. Contudo, quando se exige dele operações complexas, pode malograr. Quer dizer, quando se exige o estabelecimento de conexões associativas entre os centros que constituem o aparelho da fala, a saber, centro de imagens acústicas e centros de imagens visuais, tais conexões sofrem um curto circuito.

Do ponto de vista anatômico, é possível detectar essas associações, e as autópsias constatarem essa impossibilidade. Do ponto de vista psíquico, não é legítimo afirmar que a representação sensorial dê conta dos processos complexos que se efetivam nesse nível, como querem os neurólogos: “Eles, dado saberem muito mais da representação que das desconhecidas modificações ainda caracterizadas fisiologicamente, servem-se da expressão elíptica: na célula nervosa está localizada uma representação” (FREUD, 1977, 56).

Ao invés de reforçar essa justificativa para as afasias, Freud postula a independência entre os processos psíquico e fisiológico. A correspondência entre eles não é de localização, mas de funcionamento. Num esforço de distinção, estabelece que a excitação da fibra nervosa, no plano orgânico, é uma realidade bem determinada, mas é preciso ser mais exato na descrição do que ocorre no plano psicológico quando se trata das ligações entre as representações. Sensação e



associação são as ocorrências respectivas do processo. É possível separá-los? Freud responde que não, pois se trata de um processo unitário e indivisível: “Não podemos ter uma sensação sem logo associá-la [...]” (FREUD, 1977, 57).

De onde procedem as funções psíquicas da linguagem? Sua complexidade torna incompreensível essa procedência, mas certamente ela não se origina em um lugar neuronal. O que se quer saber? É que a linguagem, na sua funcionalidade, é perturbada justamente nas associações de elementos óticos, acústicos e gráficos. É nesse entrecruzamento que ocorre a disfunção, o esquecimento, a afasia, sem que todas as possibilidades de associação sejam destruídas. Por exemplo, como explicar que um cego possa efetivar associações lingüísticas de imensa complexidade? Como dotar a descrição que o mesmo cego faz da realidade que não vê?

Ora, o comprometimento do centro visual não compromete o da linguagem. Do ponto de vista fisiológico, pouco importa a dupla presença dos estímulos ótico e acústico para a produção da linguagem. Isso conduz a pensar um campo lingüístico desprovido de projeções sensíveis e de vias de percepções motoras: “[...] o campo associativo da linguagem está privado dessas relações diretas com a periferia do corpo, não está certamente provido de 'vias de projeção' sensíveis próprias e muito provavelmente nem se quer específicas 'vias de projeção' motoras” (FREUD, 1977, 66).

Do ponto de vista psicológico, certamente não se pode considerar que o neurônio seja a unidade geradora da linguagem, mas a palavra, essa representação complexa composta de elementos acústicos, visuais e cinestésicos. A fala é resultante da 'imagem acústica da palavra' associada com a 'sensação a nível da inervação da palavra'. Temos assim, uma zona da linguagem auto-suficiente, a saber, o aparelho da fala.

O esquema gráfico apresentado por Freud sugere que a palavra seja uma unidade que possui estrutura. As unidades básicas da linguagem seriam sentenças que, por serem estruturas, podem dispensar ou substituir elementos unitários menores, as palavras. De onde as expressões significativas dadas pela afasia, mesmo que algumas palavras estejam elípticas nos discursos afásicos. Em resumo, a idéia é muito simples: cada elemento constitutivo da estrutura da linguagem ganha sentido se ligado a outros elementos. Mesmo que um deles tenha sido deixado de fora, o conjunto garante uma significação que o sujeito pretende atribuir.

Nesse aparelho, a linguagem tem princípios próprios de organização e combinação que mostram que perceber e associar é próprio da representação, cuja estrutura complexa jamais pode ser atribuída à arquitetura anatômica, pois que a linguagem exige uma complexidade bem maior que aquela suposta no sistema nervoso.

Essa nova orientação permite a Freud redefinir as afasias como: 1. verbais, perturbações exclusivas das associações de palavras; 2. não simbólicas, perturbações na conexão de representação de palavra-representação de objeto, 3. agnósticas, impossibilidade de reconhecer o objeto.

O que Freud quer enfatizar é a complexidade da vida mental, sequer suposta pelos neurólogos de sua época. As desordens também podem ser orgânicas, não se recusa isso, mas também são funcionais. Com ou sem lesão, o aparelho da fala produz linguagem, e toda a diferença é se essa produção é dotada de sentido ou não.

Esse breve exercício que perscruta um dos textos constitutivos da pré-história da psicanálise sugere alguns indicativos que “justifica” o alijamento de Freud do ambiente acadêmico:

1. Ele radicaliza a ruptura operada por Descartes, quando se trata de justificar o esforço da imaginação: ainda existe uma exigência de objetividade, garantida pelas idéias de Deus e de perfeição. Executando uma ruptura dentro da ruptura, Freud vai estruturar o fato de que a imaginação é um fenômeno eminentemente subjetivo, e que seus produtos têm força de verdade. Prova: o valor que ele oferece ao discurso das históricas. Ele não as desmascara ou desqualifica tais discursos. Ao contrário, os



escuta e procura a logicidade contida neles com a questão: qual o sentido desta formulação para a paciente?

2. Ele confere legitimidade e independência ao universo psicológico, até então negligenciado pela ciência oficial construída na academia. Um pouco mais tarde, graças a este feito, chegará a postular a tese de que, em sendo um ser de linguagem, o universo humano será bem distinto daquele natural, no qual habitam os objetos da ciência;
3. Ele irá compor um método que assume um modo de fazer ciência colado à historicidade do sujeito, ou em outras palavras, estabelecerá uma metodologia para compreender a subjetividade em sua modalidade a mais singular: seu discurso. Freud reconstituirá os significados mais relevantes do sujeito com a elaboração discursiva do próprio sujeito.
4. Proporá aquilo que nos constrange até hoje: a ciência não pode ser amordaçada num único protocolo de procedimento. Não é científico, com exclusividade, o modelo natural e exato de constituir saberes. O esforço científico, como fruto da imaginação humana, não se encarcera em caminhos específicos, estabelecidos por um grupo de pesquisadores concentrados em determinada área. Plural é a possibilidade de conhecer. Plurais devem ser igualmente os métodos com os quais a realidade humana deve ser inquirida.

Esse legado é freudiano. Mesmo marginalizado pelos seus mestres, quando ensaia independência, jamais se recusou a contribuir quando, mais tarde, consolidado o saber que constituiu, as universidades do mundo inteiro oxigenaram o debate sobre a realidade humana, utilizando o saber freudiano como pedra de toque para a composição dos enunciados que tocam essa realidade complexa.

## REFERÊNCIAS

### Obras de Freud:

FREUD, S. **A interpretação das afasias**: um estudo crítico. Ed. 70 Série Persona. Portugal (1977).

\_\_\_\_\_. **Algumas considerações com vistas a um estudo comparativo das paralisais motoras, orgânicas e histéricas**. SE Vol. III.

\_\_\_\_\_. **A etiologia da histeria**. SE. Vol. III.

\_\_\_\_\_. **A sexualidade na etiologia das neuroses**. SE. Vol. III.

\_\_\_\_\_. **Duas breves resenhas bibliográficas**. SE Vol. I.

\_\_\_\_\_. **Esboço de uma comunicação preliminar**. SE Vol. I.

\_\_\_\_\_. **Epistolário**. Biblioteca Nueva. Madrid. (1963).

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a histeria**. SE Vol. II.

\_\_\_\_\_. **Hipnose**. SE Vol. I.



- \_\_\_\_\_. **Histeria**. SE Vol. I.
- \_\_\_\_\_. **Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa**. SE Vol. III.
- \_\_\_\_\_. **O interesse pela psicanálise** SE Vol. XIII.
- \_\_\_\_\_. **O significado da seqüência dos vocais**. SE Vol. XII.
- \_\_\_\_\_. **O estranho**. SE Vol. XVII.
- \_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica**. (1895) Tradução: Gabbi Jr., O. F.
- \_\_\_\_\_. **Tratamento psíquico (Tratamento da alma)**. SE Vol. I.
- \_\_\_\_\_. **Um caso de cura por hipnose**. SE Vol. I.

**Obras de outros autores:**

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Ed. Mestre Jou (1982).
- AGOSTINHO, S. **As confissões**. Ed. Vozes (1988).
- ANZIEU, D. **A auto análise de Freud e a descoberta da psicanálise**. Artes Médicas Ed. Série Persona (1989).
- BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. P. Litoral Edições (1989).
- BETTELHEIM, B. **Freud e a alma humana**. Ed. Cultrix (1984).
- BRASIL, H.V. In: **Dois ensaios entre a literatura e a psicanálise**. Imago Ed. (1992).
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 3a. Ed. Ed. Forense (1990).
- DA COSTA, N. Aspectos da lógica clássica. In: Revista da **Prática Freudiana**.
- DESCARTES, R. **As Meditações**, São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. Ed. Martins Fontes (1992).
- FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Ed Papyrus (1988).
- FORRESTER, J. - **A linguagem nas origens da psicanálise**. Imago Ed. Ltda (1983).
- FROMM, E. **A missão de Freud**. Zahar Ed. (1989).
- FOUCAULT, M. O combate da castidade. In: **Sexualidades Ocidentais**. Ed. Brasiliense. (1987).
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade: A vontade de saber**. Graal Ed.
- \_\_\_\_\_. **Nietzsche, Freud e Marx. Teatrum Philosophicum**. Ed. Princípio. (1987).





\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica.** Ed. Forense (1980).

\_\_\_\_\_. Microfísica do poder. In: **Sobre a História da Sexualidade.** Cap. XVI Graal Ed. (1985).

GABBI Jr., O. F. A origem da moral em psicanálise. In: **Cadernos de História e Filosofia da Ciência.** Série 3. Vol. 1. N.2. Unicamp - Julho/Dezembro (1991).

\_\_\_\_\_. **Freud, racionalidade, sentido e referência.** Tese de Livre Docência . Unicamp (1994).

\_\_\_\_\_. **Projeto para uma psicologia científica: Máquina falante ou fala maquinal?** In: Discurso no. 16. F.Filosofia/USP (1987).

GAY, P. **Freud, uma vida para o nosso tempo.** Cia das Letras. (1989).

\_\_\_\_\_. **Um judeu sem Deus.** Freud, ateísmo e construção da psicanálise. Imago Ed. (1992).

GREEN, A. **O desligamento.** Editora Imago. (1994).

GUATARRI, F. **Cartografias do desejo.** Ed Vozes (1986).

JONES, E. **A Vida e a obra de Sigmund Freud.** Vols. I, II e III. Imago ED. (1989).

KAUFMANN, P. Freud e a teoria da cultura. In: **História da filosofia: Idéias e Doutrinas.** Vol. 8. Zahar Ed. (1974).

LAPLANCHE, J. **Vocabulário de psicanálise.** Martins Fontes Ed. (1986).

\_\_\_\_\_. **Fantasia originárias, origem das fantasias e fantasias das origens.** Zahar Ed. (1988).

\_\_\_\_\_. **La sexualidad.** Ed.Nueva Visión. (1988).

\_\_\_\_\_. **Elaborações temáticas: sedução, perseguição, revelação.** In: Revista Brasileira de Psicanálise.(1993).

MANONI, M. **A teoria como ficção.** Ed. Campus. (1982).

MARCUSE, H. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Zahar Ed. (1981).

MASSON, J. M. **A correspondência completa de Freud a Fliess.** Imago Ed. Ltda. (1986).

MAUPASSANT, G. **La Señá.** In: Operas Completas. Vol. II. Aguilar Ed. (1970).

MEZAN, R. **Freud, o pensador da cultura.** Ed. Brasiliense (1985).

\_\_\_\_\_. **Psicanálise, judaísmo: ressonâncias.** Ed. Escuta. (1987).



- MONZANI, L. R. Freud, o movimento de um pensamento.** Ed. Unicamp. (1989).
- MOSCOVICI, S. A máquina de fazer deuses.** Imago Ed. (1990).
- \_\_\_\_\_. **Sociedade contra natureza.** Ed. Vozes (1975).
- MUSATTI, C. In: Il rito religioso de Theodor Reik.** Ed. Boringhiere s.p.a. Torino (1977).
- PORTELA NUNNES, E.P e CHP. Freud e Sheakepeare.** Imago Ed. (1989).
- RICOUER, P. Da interpretação.** Imago Ed. (1977).
- RIEFF, P. Freud, o triunfo da terapêutica.** Ed. Brasiliense. (1990).
- \_\_\_\_\_. **Freud, the mind of the moralist.** 3a. Ed. Chicago University Press (1979).
- ROUDINESCO, E. Os 100 anos de psicanálise na França.** Vol. I. Jorge Zahar Ed. (1989).
- WALLACE, E. Freud and anthropology.** International Universities Press, INC. New York (1983).